

SHUTTERSTOCK

Café: obstáculos e os caminhos em busca de sinergia

Transferência de informações

Conselho Nacional do Café



Silas Brasileiro*

É um enorme prazer cultivar e manter a parceria que o Conselho Nacional do Café (CNC) e a Fundação Getulio Vargas (FGV) firmaram para o desenvolvimento do caderno Especial Café na revista ***Agroanalysis***. Desde 2006, quando teve início, esta união traz a todos os elos da sociedade, em especial aos profissionais do agronegócio café, uma oportunidade para transmitir informações relevantes sobre o ano que se finda e o próximo.

Em 2014, vivenciamos um cenário completamente atípico na produção de café no Brasil. O veranico do primeiro bimestre e a prolongada estiagem até meados de outubro afetaram drasticamente a fitossanidade de grande parte dos cafezais. Isso gerou dificuldades da "porteira para dentro", como bem analisou o pesquisador José Braz Matiello, da Fundação Procafé.

Além da renda do cafeicultor ser impactada seriamente pelo clima, o presidente e a assessora técnica da Comissão de Café da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Breno Mesquita e Natália Fernandes, respectivamente, analisam a elevação ocorrida nos custos de produção. Diante dessa realidade, o CNC aponta as principais políticas para a cafeicultura continuar como a maior geradora de emprego rural no Brasil e um dos cinco maiores produtos na balança econômica do agronegócio.

O desempenho de exportações em 2014 demonstra a receptividade do mercado mundial para com os cafés do Brasil. As remessas apresentaram crescimentos em volume e receita no comparativo anual. Para explicar esse avanço e traçar um cenário para 2015, temos duas matérias: uma de Guilherme Braga, diretor-geral do Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (CeCafé), e outra de Marcus Magalhães, sócio da Maros Corretora. Para clarear o cenário complicado da produção e as probabilidades mercadológicas, Nelson Carvalhaes, do Escritório Carvalhaes, mostra os melhores caminhos para produtores, corretores, exportadores e industriais no complexo mercado cafeeiro.

O exercício de 2014 também celebra os vinte e cinco anos do Selo de Pureza – iniciativa responsável pelo constante crescimento do consumo no Brasil –, narrados pelo presidente da Associação Brasileira da Indústria de Café (ABIC), Américo Takamitsu Sato. Por fim, o provador, degustador e professor certificado pelo MAPA Silvio Leite comenta as 100 edições do Cup of Excellence, principal concurso de qualidade do mundo, realizado por nossa associada BSCA (Brazil Speciality Coffee Association) no Brasil e do qual ele é um dos idealizadores.

Com a apresentação do "menu" de mais este caderno Especial Café, deixamos o convite para uma atualização sobre os fatos da cafeicultura e esperamos contribuir para a transferência de informação confiável e verídica a todos os elos do setor.

** Presidente executivo do Conselho Nacional do Café (CNC)*

Estiagem causa perdas



José Braz Matiello*

As principais áreas produtoras de café Arábica, situadas em diferentes regiões de Minas Gerais, São Paulo e Espírito Santo, foram afetadas por um fenômeno climático anormal, com a ocorrência de estiagem severa, geradora de prejuízos tanto sobre a safra colhida em 2014, quanto a esperada para 2015.

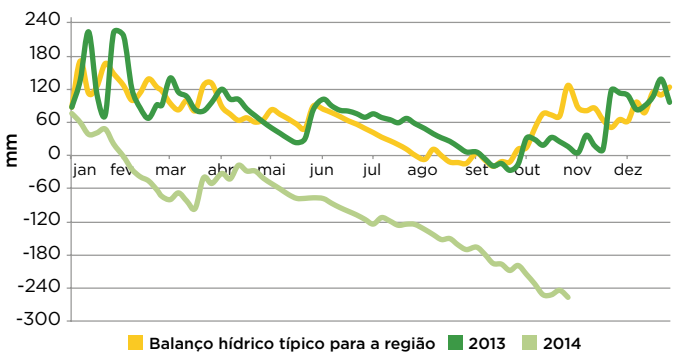
A pouca chuva continuou a partir de abril de 2014, com atraso de sua retomada. E, no início de novembro, as precipitações vão normalizando-se de forma irregular. O déficit hídrico acumulado passa de 200 mm, sendo que a lavoura cafeeira é capaz de suportar, sem perdas, apenas 100 mm.

Os dados climáticos evidenciam que a falta de chuvas, associada a altas temperaturas e estresse hídrico, ocorreu em dois períodos críticos:

• De janeiro a março de 2014 – quando o suprimento de água para as plantas é muito importante na granação dos frutos, no crescimento dos ramos e na nutrição das plantas; e

• De maio a outubro de 2014 – quando a umidade é necessária ao armazenamento de água no solo, ao crescimento dos ramos produtivos, à turgescência, ao enfolhamento e ao abotoamento/floração dos cafeeiros.

BALANÇO HÍDRICO EM VARGINHA-MG: COMPARATIVO ENTRE A CONDIÇÃO NORMAL E OS ANOS DE 2013 E 2014 – MÉTODO THORTHWAITE & MATHER



Efeitos da seca na safra 2014

Em decorrência da falta de chuvas, agravada pelas altas temperaturas no período, verificou-se forte estresse hídrico das plantas de café, que entraram em processo de murcha, com efeito na formação dos frutos da safra 2014. Desse modo, houve baixo enchimento dos frutos, causando chochamento, má granação e grãos negros e ardidos (perda de peso e de qualidade).

As estimativas efetuadas sobre as perdas médias, realizadas logo após a retomada das chuvas, previram de 6 a 7 milhões de sacas na safra 2014. As perdas avaliadas por meio do exame dos frutos vêm sendo confirmadas e até aumentadas pela observação do baixo rendimento obtido no processo de beneficiamento dos cafés, os quais apresentam favas menores e grãos menos densos.

Problemas para 2015

O efeito continuado do déficit hídrico afetou o crescimento dos ramos, resultando em nós mais curtos e, nas folhas, causou escaldadura e desfolha. Nos ramos, a falta de água provocou seca, especialmente nos ponteiros e nas plantas já estressadas pela carga. Houve, ainda, aumento de pragas e doenças – broca, bicho mineiro, ácaros e cercóspora. Com o menor crescimento dos ramos, haverá menor número de rosetas para floração. Além disso, as plantas desfolhadas terão menor pegamento de florada.

Em setembro/outubro, teve início a florada nas lavouras. Havia o receio de que o estresse hídrico, mais cedo, de fevereiro até maio, poderia dificultar a indução floral, na fase inicial de formação das gemas, mas, felizmente, a indução veio normal naquelas lavouras que produziram menos em 2014. Os ramos e as rosetas possuem um adequado número de botões florais, com boa uniformidade no amadurecimento das gemas, pelo próprio efeito da seca, de maio a setembro.

Com a retomada das chuvas em pequeno volume e mal distribuídas, existem variações no comportamento da florada. Em muitas áreas, houve uma pequena florada, de ponteiro e mais nas lavouras novas; em outras, com um pouco mais de chuvas, a florada foi maior. Estas primeiras floradas apresentaram algumas anormalidades, por terem ocorrido em período de pouca chuva, embora tendam, no geral, a se transformar em frutos, com pegamento satisfatório.

No entanto, em áreas mais quentes e secas, onde chegaram a secar ramos e houve muita desfolha, a floração ficará prejudicada pela morte de gemas e pelo menor pegamento da floração, pois as reservas que se acumulam nas folhas ficaram prejudicadas.

Ocorreu, ainda, uma situação em que a florada surgiu com pouca chuva, de 5 a 20 mm apenas. Aí já podem ser observados alguns problemas com a floração. Onde a água foi pouca, surgiram botões chamados de grãos de arroz, pois foram estimulados a crescer pelo diferencial hídrico ocorrido, mas a pouca água não foi suficiente para o crescimento completo e para a abertura dos mesmos.

Em conclusão, as lavouras que produziram pouco em 2014 estão preparadas para dar uma boa safra em 2015. Aquelas que produziram bem em 2014 se encontram desfolhadas e têm poucas condições de florescimento e de pegamento da florada. As que tiveram carga média no ano passado e ainda dariam um pouco de café em 2015, também pelo estresse cumulativo da carga e da seca, quase não produzirão. Com isso, cresceu significa-





tivamente o uso da poda para zerar a safra, com esqueletamento, antecipando o que seria feito depois da safra de 2015.

De fato, a estiagem pode prejudicar a próxima safra de café, fazendo com que a colheita seja até um pouco menor do que na safra colhida em 2014, estimada pela Conab em cerca de 45 milhões de sacas. Quanto? Isso dependerá da retomada das chuvas, e só mais para frente é que poderemos avaliar melhor.

Por efeito da seca no início de 2014, os frutos de café ficaram chochos ou mal granados, dando origem a perdas de tamanho e peso dos grãos beneficiados.

** Engenheiro agrônomo da Fundação Procafé*

Quebra da safra de café Arábica impacta custos de produção no Brasil





Breno Mesquita[1]
Natália Fernandes[2]

O Brasil, maior produtor mundial de café, esperava colher uma safra recorde em 2014, ano de bienalidade alta. Contudo, um longo e severo período de estiagem atingiu as principais regiões produtoras, com prejuízos significativos. A próxima safra será afetada, com déficit no abastecimento mundial do produto.

Com a oferta reduzida do produto, tanto as cotações do mercado interno como do externo acumularam altas expressivas ao longo de 2014. No mercado físico, segundo o Indicador Cepea/Esalq, a saca do café Arábica, tipo 6, bebida dura para melhor, teve valorização de cerca de 44%.

Apesar dessa alta nas cotações, as simulações do impacto da quebra de safra nos custos de produção realizadas pelo Programa Campo Futuro – uma inciativa da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), junto ao Centro de Inteligência em Mercados da Universidade Federal de Lavras (CIM/UFLA) – mostram uma redução na produtividade nas principais regiões do cinturão cafeeiro. Isso gerou uma deseconomia de escala, já que, na maioria das regiões, as perdas foram observadas no processo de beneficiamento do café, mas com o mesmo custo de produção por área para as operações de colheita.

De acordo com o Levantamento de Safra do Café realizado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), o Brasil produziu 45,14 milhões de sacas na safra 2014, com redução de 16,14% do volume para a variedade Arábica frente à safra anterior. A região mais afetada pela estiagem foi o sul de Minas Gerais, que teve redução de 21,8% na produtividade frente ao prognóstico inicial.

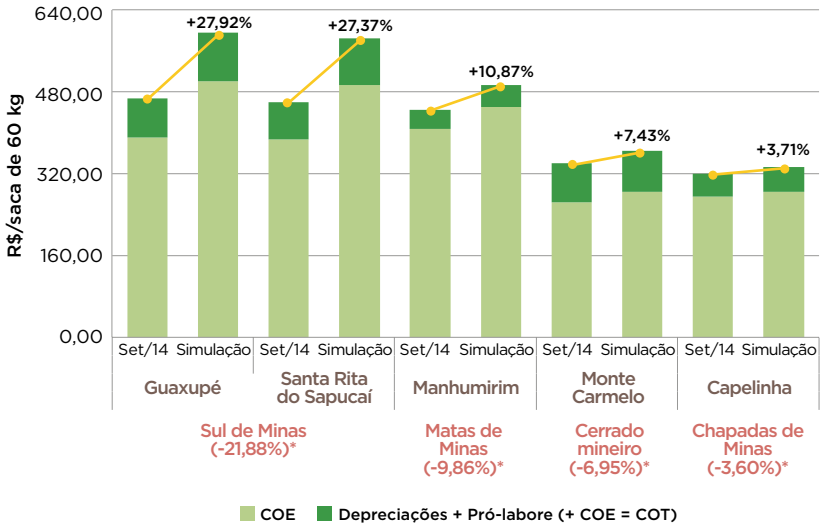
Na simulação de redução na produção feita pelo Programa Campo Futuro, Guaxupé aparece como o município de Minas Gerais (principal estado produtor) com o maior aumento no Custo Operacional Total (COT), atingindo 27,9%, com custo de R$ 596,47/saca, em setembro de 2014. Caso a produção na região tivesse sido plena, este custo seria de R$ 466,30/saca. Dentre outros municípios mineiros, a segunda maior variação no COT ocorreu em Santa Rita do Sapucaí, onde o COT aumentou em 27,37%, seguida de Manhumirim (+10,87%) e

Monte Carmelo (+7,43%). O aumento menos expressivo ocorreu em Capelinha, onde o COT ficou em R$ 332,02/saca após a redução da produção – um aumento de 3,71%.

Na cafeicultura manual, os valores do grupo de custos "Pessoas" (condução da lavoura) e do grupo de custos "Colheita e Pós-colheita" são consideravelmente superiores aos da cafeicultura mecanizada. Com isso, o custo unitário para a cafeicultura manual ficou ainda menos competitivo, já que o preço médio de venda é semelhante para ambos os tipos de produção.

Sem mesmo considerar a quebra de safra, análises do Campo Futuro mostram que o Custo Operacional Efetivo (COE) da produção de Arábica foi 1,43 vez maior nas regiões manuais em comparação às regiões mecanizadas, com preço de R$ 388,85 a saca em setembro. No mesmo período, na cafeicultura manual, os custos com pessoas foram 3,38 vezes maiores e os custos com colheita e pós-colheita se apresentaram 3,19 vezes maiores.

IMPACTOS DA REDUÇÃO DA PRODUÇÃO NO COT DA CAFEICULTURA EM MINAS GERAIS (CUSTOS REFERENTES À SAFRA 2013/14)



*Estimativa de redução na produção entre o 1º e 3º Levantamentos de Safra da Conab

Além da impossibilidade de mecanização da colheita, a cafeicultura paranaense também sofre com as adversidades climáticas. Sem considerar a quebra de safra em 2014, o município de Abatiá registrou COE de R$ 378,14 por saca e COT de R$ 446,18 por saca, em setembro de 2014, um aumento médio de 4,6% em relação ao mesmo mês do ano anterior. De um modo geral, a estiagem agravou a situação financeira da cafeicultura com processo produtivo manual, que já trabalhava com margens negativas por longos períodos.

1 Presidente da Comissão de Café da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA)
2 Assessora técnica da Comissão de Café da CNA



SHUTTERSTOCK

Balanço de 2014 e projeção para 2015



Marcus Magalhães*

O ano de 2014, com certeza, entrará na história da cafeicultura. Foi um período em que as estatísticas não bateram, os discursos caíram por terra e a ansiedade do negócio café testou limites inimagináveis. O exercício começou com a expectativa de uma grande safra cafeeira e, infelizmente, preços ruins. Mas, um fato novo e surpreendente roubou a cena, contrapondo rotinas, apostas, opiniões, convicções e até amizades. A imprevisibilidade climática, criticada por alguns e seguida por outros, deixou a rotina recheada de adrenalina e ansiedade.

Um veranico épico, com calor fora do normal, aliado à total falta de chuva em importantes regiões produtoras de Minas Gerais, imperou por mais de setenta dias no cinturão produtivo. Esse quadro deixou as apostas e as especulações da grande safra brasileira em uma situação nada confortável. Se fizermos um esforço de memória, chegaremos aos números especulados na virada do ano-safra 2013/14. As previsões foram caindo por terra, dia a dia, semana a semana, mês a mês.

O mercado especulava com a expectativa de o Brasil colher, dentro da normalidade climática, quantidades acima de 50 milhões de sacas. Porém, em virtude da assustadora novidade climática, a realidade produtiva ficou mais próxima do intervalo de 40 a 43 milhões de sacas, divididas entre Arábica e Conilon. Dentro desse mar de incertezas e especulações, os envolvidos não poderiam esperar nada diferente daquilo que foi visto e vivido.

Com grandes oscilações nas bolsas, preços internos em forte alta, o setor produtivo deu um verdadeiro show de competência e sabedoria mercadológica. Grandes volumes tanto de estoques existentes quanto de safras futuras foram negociados, em uma clara postura de diluição de riscos, dentro de um canal de alta.

Essa nova estratégia mostrada pelo setor produtivo ao mercado, aproveitando-se das máximas testadas, foi uma sabedoria bonita de se ver. O setor deixou claro aos envolvidos uma mudança de postura que veio para ficar. E, ao que parece, o recado foi bem entendido por muitos do setor.

Não há mais intimidação ante as fortes quedas nas bolsas ou perante os discursos nocivos de alguns operadores que sempre apregoam e apostam em um cenário de "quanto pior melhor" e, ainda, de sempre prevalecer o caos mercadológico. O mundo cafeeiro mudou em 2014. A nova crença é de que não há como operar no negócio café sem as volatilidades nas bolsas internacionais.

Espaço para discursos infundados e especulações sem precedentes pode até existir, pelo próprio jogo democrático, mas, felizmente, estes já não ecoam tanto nas regiões produtoras como ecoavam no passado. O discernimento mercadológico, a transparência nas informações e o acesso globalizado aos mercados estão proporcionando ao setor produtivo uma condição ímpar para buscar dias melhores. Como sempre dizemos e afirmamos, uma coisa é derrubar a bolsa e outra, bem diferente, é comprar café.

O ano de 2014 vai acabando e deixando seu legado mais vivo do que nunca. Grandes oscilações nas bolsas, complexo quadro climático vivido em importantes origens produtoras, forte aceleração cambial, economia global recheada de percalços e, por fim, uma missão desafiadora: enfrentar de pé, de olhos bem abertos e focados no horizonte, todos os desafios que o ano de 2015 nos reserva. Que as lições mercadológicas aprendidas em 2014 sejam os pilares de um novo mercado cafeeiro, mais digno, promissor e recheado de oportunidades para todos os envolvidos.

** Sócio da Maros Corretora e analista de mercado parceiro do CNC*



SHUTTERSTOCK

Aprimorar as estatísticas



Nelson Carvalhaes*

Após dez meses de uma seca histórica, iniciada em janeiro de 2014, que atingiu estados brasileiros produtores de cafés Arábica, temos como reflexo a redução da produção da safra 2014/15. O tamanho desse impacto afeta a próxima colheita, de 2015/16, mas vamos aguardar o começo de 2015 para trabalhar com números mais confiáveis.

O importante e curioso dessa historia é a disparidade das estatísticas para a "estimativa da atual e da próxima safra", bem como sobre os "estoques existentes". Com as mais diferentes projeções e avaliações oferecidas, ocorrem variações da ordem de 10% a 20% ou mais no volume colhido ou a ser colhido e estocado.

Um país como o Brasil pode ter algumas variações, devido às diferentes regiões produtoras. Não está em julgamento se essas estimativas estão corretas ou não. O Brasil é o maior produtor e exportador, segundo maior consumidor de cafés, sem falarmos na excelência na cadeia do café (pesquisa, produção, máquinas e equipamentos, comércio e exportação, indústria, produtos financeiros, consumidores). Então, a pergunta muito simples é: como um país com forte tradição histórica neste produto não pode informar ao mercado números absolutamente confiáveis, que fazem parte de sua estratégia no mercado mundial do café?

O Brasil é responsável por mais dos 50 milhões de sacas das 150 milhões de sacas do consumo global, ou seja, a terça parte deste consumo tem como origem a cadeia do agronegócio nacional. No mundo de hoje, a velocidade das informações possui um reflexo enorme, seja pelo lado positivo ou negativo, para qualquer negócio. A eficiência da produção e de toda a cadeia pode ser anulada por uma simples informação de mercado, sem a devida pesquisa necessária para a sua comunicação, causando fortes distorções e criando incertezas para os operadores.

Somos mais de cinquenta países produtores de café, aliados a uma feliz e grande quantidade de países consumidores. Portanto, não podemos mais trabalhar de forma tão amadora. As estratégias não permitem mais erros desse tipo, e, assim, os investimentos em



SHUTTERSTOCK

"estatísticas confiáveis" são urgentes e de suma importância para o País. Temos total capacidade e nível técnico para estimarmos o parque cafeeiro, a produção, a produtividade e a armazenagem, entre outros fatores, com absoluta precisão. Podemos argumentar e esclarecer dúvidas com a metodologia aplicada, atenuando ou evitando as possíveis distorções de mercado originadas pela falta ou pelo excesso de informações dessa origem.

O Brasil, com toda a sua estrutura, da produção ao consumo, está perfeitamente apto a agregar valores com mais credibilidade, pois, além de investir em estatísticas confiáveis, os cafés do Brasil deveriam investir na divulgação de sua sustentabilidade. Trata-se de uma importante e saudável solicitação por uma parte dos consumidores, futuramente se tornando uma exigência bem maior por parte dos mesmos. Um forte trabalho de comunicação a ser desenvolvido esclarecerá ao mercado consumidor que as leis brasileiras são rígidas, tanto na área social, como na ambiental. Essa real informação, se bem desenvolvida e trabalhada, sem dúvida resultará no aumento da confiança em nossos cafés, bem como incrementará o consumo nos mercados a cada dia mais exigentes com as origens. Implantando isso, mais consumidores certamente irão à procura por uma xícara de café nacional, que, pela sua reconhecida qualidade, é sustentável, gerando mais respeito, atração e simpatia do consumidor global.

A posição brasileira de liderança na produção, consumo e exportação de cafés é fruto de um forte trabalho desenvolvido ao longo de muitos anos por seus segmentos. O desenvolvimento e a possível precisão das informações das estatísticas de produção, aliados à divulgação precisa de nossa natural sustentabilidade ao mercado, colaboram e incrementam os resultados dos esforços obtidos pela cadeia do agronegócio café em sua história.

A proposta de otimizar investimentos em melhores pesquisas e estatísticas, assim como agregar à nossa realidade que somos sustentáveis, socialmente e ambientalmente, só a esclarecerá e aumentará a rastreabilidade do produto junto ao consumidor. Tudo isso exatamente em um mercado com excelentes perspectivas futuras de consumo, cujo crescimento global, hoje da ordem de 2% ao ano, significa, em dez anos, a necessidade mundial de 185 milhões de sacas, sem contarmos com o possível e forte desenvolvimento dos bebedores de cafés em novos mercados, como China, Índia e outros.

** Analista de mercado do Escritório Carvalhaes*

Saldo positivo para as exportações



Guilherme Braga*

As exportações brasileiras de café surpreenderam positivamente em 2014. Nos primeiros dez meses do ano (de janeiro a outubro), os embarques para o exterior alcançaram 29,961 milhões de sacas, média, portanto, de quase 3 milhões de sacas mensais. Esse desempenho aponta para um volume provável de 36 milhões de sacas no ano corrente, o maior da história, com uma receita cambial próxima de US$ 7 bilhões.

Esses números tornam-se especialmente marcantes, pois coincidem com um cenário caracterizado por fortes incertezas quanto à dimensão da safra 2014/15 e pelas consequências que poderiam causar na comercialização externa de nosso café. Como se sabe, a seca que assolou os cafezais brasileiros, a partir de janeiro, estendeu-se nos meses seguintes, agravada também pela ocorrência continuada de altas temperaturas, acima de 35ºC. Tudo isso impactou a produção em desenvolvimento nas árvores, com efeitos sobre o rendimento. Estimativas de quebras pela má granação e pela redução das favas, bem como os prognósticos sobre os efeitos prejudiciais dos déficits hídricos sobre a safra 2015/16, em face do estado das árvores, quase sempre com viés pessimista, trouxeram preocupações quanto à efetiva disponibilidade do produto.

BRASIL: EXPORTAÇÕES DE CAFÉS VERDES E INDUSTRIALIZADOS (MILHÕES DE SACAS)

Ano	Janeiro a outubro	Janeiro a dezembro
2010	26,51	33.17
2011	27,72	31.81
2012	22,74	28,55
2013	25,97	31,66
2014*	29,96	36,00

* Projeção
Fonte: CeCafé

Quanto à disponibilidade interna, o levantamento anual, feito pela Conab em 31 de março de cada ano, mostra que os estoques de passagem evoluíram de 8,4 milhões de sacas, em março de 2012, para 13,9 milhões, em 31 de março de 2013. Essa situação explica-se pelo forte estímulo à retenção interna feito em 2012. Já em 31 de março deste ano, a contagem da Conab indica um crescimento de 9% no estoque de passagem, para 15,2 milhões de sacas. Parte do crescimento dos embarques em 2014 pode ter origem na variação dos estoques internos.

Sem dúvida, o aumento do volume das exportações teve contribuição importante do incremento das vendas externas de café da variedade Conilon, decorrente de uma colheita generosa e de excelente qualidade. A maior safra possibilitou o nivelamento

dos preços internos às cotações internacionais, tornando o café Conilon competitivo no mercado.

No caso do café Arábica, as vendas externas, de janeiro a outubro, evoluíram de 21,8 milhões de sacas, em 2013, para 24,5 milhões, em 2014, podendo aproximar-se de 30 milhões no ano-calendário de 2014. A boa qualidade da atual safra, a despeito da menor proporção das peneiras graúdas, contribuiu para esse resultado.

O balanço das exportações de café em 2014 deve ser entendido como muito positivo. Iniciamos o ano com preços internos deprimidos, por volta de R$ 270/saca para os cafés Arábica, preços externos ligeiramente acima de US$ 1 por libra/peso (Bolsa de Nova York), que se comparam, hoje, a R$ 450/saca e US$ 1,85 por libra/peso, respectivamente. Foram comercializados 36 milhões de sacas para o exterior, com mercado em alta e preservando um importante *market share* para o café brasileiro, confirmando, mais uma vez, que as políticas de contração da oferta para buscar preços mais altos somente atendem os interesses de nossos concorrentes.

** Diretor-geral do Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (CeCafé)*



SHUTTERSTOCK

Fortalecimento de um grande mercado



Américo Takamitsu Sato*

Com mais de 20 milhões de sacas de café industrializados por ano, o mercado brasileiro, segundo no *ranking* mundial, atrás apenas dos Estados Unidos, conta com grande potencial de crescimento, apesar de o produto já ter uma penetração de 98,7% nos lares do País, segundo dados da Nielsen. Com as inovações, os consumidores adotam novas formas de preparo, saboreando mais xícaras por dia, seja em casa ou fora do lar.

A maior qualidade dos produtos ofertados no mercado constitui o motor desse crescimento, mas, paralelamente a ela, está outro importante quesito: a pureza do café. Esta foi a grande bandeira assumida pela ABIC há vinte cinco anos, quando lançou o seu programa de autorregulamentação, responsável pela concessão do Selo de Pureza, primeira certificação da área de alimentos e bebidas.

Em meados da década de 1980, os consumidores vinham abandonando o hábito de consumir café, por acreditarem que o produto puro era exportado e o brasileiro só consumia aquele de baixa qualidade, impuro ou com misturas, conforme constatado em pesquisa de opinião. De lá para cá, o programa do Selo de Pureza resultou na moralização do mercado e resgatou a credibilidade do produto: o consumo anual saltou de 6,4 milhões de sacas para mais de 20 milhões de sacas. Nesse mesmo período, o consumo *per capita* aumentou de 2,83 kg/ano para 6,09 kg/ano. Atualmente, participam do programa 459 empresas, com 1.148 marcas certificadas.

Único no mundo, a credibilidade do programa é garantida por sua estrutura técnica, que não permite vícios ou influências externas no monitoramento contínuo das marcas no mercado. A coleta de amostras é realizada por auditoria independente, e a análise, feita em sete laboratórios credenciados, com envolvimento de cinquenta técnicos. Já são monitoradas 1.350 marcas (75% do volume de café produzido no País), mas a entidade busca sempre ampliar essa cobertura. Com todas as despesas totalmente custeadas pelas próprias associadas, 3.500 amostras são coletadas e analisadas por ano. Desde o lançamento, em 1989, já foram mais de 60 mil amostras analisadas.

O Programa do Selo de Pureza, além de moralizar o setor, resgatou os tradicionais consumidores e incorporou uma nova geração de apaixonados por café. As pessoas hoje na faixa dos trinta e cinco anos cresceram em um novo ambiente, marcado, sobretudo, pela inovação na oferta de marcas, novos *blends* e outros conceitos de consumo. Na conquista destes públicos, ajudaram os benefícios do consumo diário e moderado de café para a saúde humana, apontados pelas pesquisas médicas e científicas. A ABIC apoiou e continua apoiando es-



SHUTTERSTOCK

tes estudos, pois é preciso acabar com o preconceito e mostrar que café faz bem.

O crescimento do mercado ocorreu, ainda, pelas parcerias estratégicas conquistadas pela ABIC, a exemplo dos setores de produção e comercialização, que, se, antes, limitavam-se aos cafés *commodities*, passaram a destinar grãos de maior qualidade, com maior valor agregado, para o consumo interno. Nesse período, o varejo, principalmente supermercadista, aderiu às ações da ABIC e abriu gôndolas e áreas *gourmet* exclusivas para o café. Somam-se, ainda, as mais de 60 mil panificadoras e centenas de casas de café e redes de cafeterias, de extrema importância na divulgação e promoção da qualidade e da cultura do café.

Foram fundamentais, também, no desenvolvimento do mercado as certificações criadas pela ABIC no lastro do programa do Selo de Pureza, avançando em novos conceitos: o PQC (Programa de Qualidade do Café), criado em 2004, passou a trabalhar o mercado em categorias de produtos (tradicional, superior e *gourmet*); o PCS (Programa Cafés Sustentáveis do Brasil), lançado em 2006, certifica o café produzido com respeito à sustentabilidade econômica, ambiental e social, desde a lavoura até a indústria; e o CCQ (Círculo do Café de Qualidade), lançado em 2007, qualifica e certifica os estabelecimentos que promovem os cafés de qualidade.

Todos estes programas fazem da ABIC uma referência no universo do café, o que é motivo de orgulho, principalmente para aqueles que, como nós, viveram todas essas grandes transformações. Para comemorar esses vinte e cinco anos do Selo de Pureza, completados em agosto, retornamos neste segundo semestre à mídia, com uma campanha que tem como mote "Tudo que é Puro é Melhor. Inclusive seu Café". Totalmente custeada pela ABIC, a campanha está em mídias sociais, monitores de elevadores de prédios comerciais, portais da internet, ações de *merchandising* em programas como o Mais Você, com a Ana Maria Braga, na TV Globo, e em emissoras de rádio de praticamente todo o País. É mais um grande esforço da nossa entidade. E um marco: Selo de Pureza – vinte e cinco anos de pura confiança.

** Presidente da Associação Brasileira da Indústria de Café (ABIC)*

Cup of Excellence: história de sucesso e, ainda, longeva



Silvio Leite*

Foi emocionante o anúncio dos vinte e um vencedores do 15º Cup of Excellence – Early Harvest Brazil, que também celebrou a 100ª edição mundial do concurso. Nesta safra, produtores da pequena cidade de Piatã, na Chapada Diamantina (na Bahia), abocanharam nove colocações entre os vinte e um vencedores. Também foram premiados vários lotes das Matas de Minas Gerais, que, agora, juntam-se à maior vencedora desta competição, a região de Carmo de Minas.

Esse concurso foi iniciado no Brasil pela BSCA, em 1999, com o objetivo de apresentar ao mundo os cafés especiais nacionais, até então sem nenhum reconhecimento de qualidade, fazendo do País apenas um grande fornecedor de café *commodity*, sem agregar valor a seu produto.

Por meio da iniciativa do presidente da BSCA à época, Marcelo Vieira, surgiu a ideia da criação do concurso de cafés especiais para os produtores do Brasil. O que não se imaginava eram as dificuldades técnicas a serem transpostas para um certame com regulamento e auditoria externa. Até então, as ferramentas de análise permitiam classificar os lotes muito mais por seus defeitos do que pela qualidade. Para isso, junto com o consultor George Howell, criamos uma nova metodologia de torras e provas, que revolucionou a metodologia de avaliação do café no mundo.

Foi assim que, em 1999, se deram a concretização do primeiro concurso e a venda dos cafés vencedores por meio de leilão e via internet, fruto do trabalho de Susie Spindler, consultora de *marketing* do projeto, que se tornou diretora executiva da Alliance for Coffee Excellence (ACE), organização sem fins lucrativos que dirige esse programa em outros dez países atualmente.

O resultado do preço de venda deste primeiro leilão representou o dobro que o mercado *commodity* pagava aos cafés brasileiros. Para muitos compradores internacionais, a metodologia de análise de qualidade apresentada foi uma forma de conhecer as regiões, as características do produto e os produtores do País.

No Brasil, para cada R$ 1 investido, segundo dados preliminares da ACE, o retorno foi de aproximadamente R$ 5. Como aplicamos R$ 6 milhões, obtivemos R$ 30 milhões até agora.

Em quinze anos, o Cup rompeu barreiras e permitiu ao Brasil ser visto como o principal celeiro mundial de cafés especiais, devido à diversidade de qualidade, consistência de produção e entrega ao mercado. O cuidado na colheita fez com que se apanhassem apenas grãos maduros para serem secados lentamente em terreiro suspenso e estufas, com mudança no sabor final.



SHUTTERSTOCK

Busca da qualidade

É extremamente prazeroso ver, ao final de cada concurso, descobertas de novas regiões, sabores e produtores felizes com a valorização do trabalho. Amostras de 10 quilos foram despolpadas, amostras à mão, para obter uma avaliação do grão sem nenhuma influência de defeitos. A esse exemplo chamamos de "máximo potencial de qualidade", oriundo de pequenos produtores da Chapada Diamantina, bicampeões da competição.

A criação do Cup of Excellence deu um salto enorme para o mundo dos cafés, mas ainda existe um grande universo nos processos e qualidades a ser descoberto. Os cafés naturais colhidos a seco e com casca, conhecidos desde 1727, no Brasil passam por uma redescoberta. Já na colheita de grãos maduros e com secagem lenta, não há fermentação, resultando em sabores novos, porém trata-se de um método que precisa de estudo para que se aperfeiçoe o procedimento perfeito e se permita a receptividade do processo e, consequentemente, dos sabores.

Temos desafios pela frente para seguirmos rumo à valorização da produção brasileira. As safras são anuais, e as quebras de paradigmas são lentas. Vamos confiar e seguir nesse caminho de produzir sem defeitos, para nos consolidarmos, junto ao mercado consumidor, como fornecedores de cafés especiais.

Após sua criação no Brasil, o concurso, devido ao interesse surgido em vários outros países, originou a Alliance for Coffee Excellence, com sede nos EUA, para organizar e desenvolver o trabalho em todo o Planeta. Hoje, além do Brasil, a competição é realizada em Honduras, Colômbia, Costa Rica, Nicarágua, El Salvador, Guatemala, México, Ruanda e Burundi. ■

* *"Cupper", provador, degustador, professor certificado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e um dos idealizadores do Cup of Excellence*